

Ensinar e aprender na Bíblia

Teaching and learning in the Bible

Enseñanza y el aprendizaje de la Biblia

Tércio Machado Siqueira

RESUMO

Este artigo analisa o conceito de ensinar e aprender na Bíblia a partir das expressões hebraicas *lamad* e *yarah*, para, posteriormente, discutir a possibilidade de uma pedagogia libertadora e como aplicá-la, tendo como ponto de partida o ensino no Antigo Testamento.

Palavras-chave: Ensinar; aprender; pedagogia; Antigo Testamento.

ABSTRACT

This article analyzes the concept of teaching and learning in the Bible based on the Hebrew expressions *lamad* and *yarah*, to then discuss the possibility of a liberating pedagogy and how to apply it, taking as a starting point teaching in the Old Testament.

Keywords: Teaching; learning; education; Old Testament.

RESUMEN

En este artículo se analiza el concepto de enseñanza y aprendizaje en la Biblia sobre la base de las expresiones hebreas *lamad* y *yarah*, para discutir, entonces, la posibilidad de una pedagogía liberadora y cómo aplicarla, tomando como punto de partida la enseñanza en el Antigo Testamento.

Palabras clave: Enseñanza, aprendizaje; pedagogía; Antigo Testamento.

Introdução

Inicialmente, reafirmo que o propósito da Semana de Estudos Teológicos é estudar a Bíblia no cotidiano das comunidades de fé. Os resultados dos estudos apresentados e das discussões em cada sessão certamente ajudarão a planejar novos caminhos para o ensino da Bíblia nas comunidades de fé. Esta é a nossa intenção maior.

Para melhor avaliar a questão do ensino na Bíblia, escolhi o caminho gramatical, isto é analisar o significado de dois verbos da língua hebraica que servem para indicar a intenção e a qualidade de ensino no antigo Israel, especialmente. São eles: *lamad* e *yarah*.

1. Lamad

O verbo hebraico *lamad* carrega todo um sentido educacional: a forma normal do verbo é o *qal*, e significa *aprender, acostumar-se*. Dois textos auxiliarão no melhor entendimento deste verbo na forma *qal*: ... *uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra* (Is 2.4); *Jumenta selvagem, acostumada ao deserto...* (Jr 2.24). Na forma *qal* do verbo *lamad*, *aprender* é uma consequência normal da vida humana: É um aprendizado normal ou um *acostumar-se*.

Na forma intensiva do verbo, *Piel*, ele tem o sentido de *ensinar*. Trata-se de um aprendizado ou adestramento que exige esforço intelectual do aprendiz: *Escrevei para vós outros este cântico e ensinaí-o aos filhos... ponde-o na sua boca, para que este cântico me seja por testemunha...* (Dt 31.19). O Antigo Testamento mostra que há 23 ocorrências do verbo *lamad* no *Qal*, com o sentido de *aprender*; por outro lado, há 47 ocorrências no verbo no *Piel*, *ensinar*. Assim, o mesmo verbo *lamad* é empregado para descrever o ato de *aprender* e *ensinar*.

2. Yarah

O segundo verbo que caracteriza o ensino no Antigo Testamento é **yarah III**, *ensinar, instruir* (45x). É importante destacar que **yarah** tem como raiz **yrh**, origem do substantivo *torah*, *torá*. Em quase todas as ocorrências deste verbo, encontradas no Antigo Testamento, o lugar vivencial é o ensino da Torá, isto é, as instruções divinas e da história da salvação.

As ocorrências do verbo *yarah*, no Antigo Testamento, acontecem em três grupos da sociedade israelita: os sábios, os legisladores e os sacerdotes.

Primeiramente, era tarefa dos pais instruírem seus filhos a boa conduta na vida para eles sejam bem-aventurados (Pv 4.4). O contexto sugere que a instrução abarca explicitamente elementos éticos: *Não vás pelas veredas sendo dos malfetores, não avances pelo caminho dos maus* (4.14). Esta relação “pai-filho” é, certamente, uma metáfora para a relação “professor-aluno”, na qual o professor é o instrutor da sabedoria. É interessante observar que a orientação do mestre pode ser feita através de gestos, como apontar com o dedo, piscar o olho e balançar o pé (Pv 6.13).

Em segundo lugar, o verbo *yarah* é usado para abordar a importância da *justiça de Deus*, especialmente no âmbito do clã. Particularmente, o livro de Provérbios fornece os melhores exemplos, porque ele guarda as mais antigas tradições conduzidas pelos anciãos e sábios. Ao mesmo tempo, este livro reflete a experiência comunitária do povo. Na sua abertura, o livro estabelece o seu roteiro programático (Pv 1.1-7). Aqui estão as palavras que conduzem as noções que são comuns à teologia sapiencial: *sedeq, justiça; mixepat, direito; hakemah, sabedoria; binah, discernimento; sekel, prudência, e da’at, conhecimento*. Estes termos formam o núcleo do campo semântico de justiça. A pessoa que as cumpre é chamada de *sadiq, justo, yaxar, justo*, na perícopes de Provérbios 2.6-10 e, também “aquele que anda no caminho justo, no “caminho de Deus”, é “leal a Deus”, entre outras. Assim, o contexto sugere que a instrução do sábio inclui explicitamente elementos éticos.

3. Lamad e Yarah

Diante destas informações, alguns pontos precisam ser destacados: (1) Inicialmente, pode-se dizer que o alvo do ensino, mostrado no verbo

yarah III, pouco se diferencia de *lamad*. (2) Há uma informação esclarecedora encontrada no mapa do emprego destes dois verbos, conforme a concordância da Bíblia Hebraica (Gerhard Lisowski, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, Stuttgart, Württembergische Bibelanstalt, 1958). O verbo *lamad* ocorre 84 vezes no Antigo Testamento e o verbo *yarah III*, 45 vezes. Além dessa informação, a concordância hebraica revela que, provavelmente, o emprego do verbo *lamad* ocorre nos textos mais antigos. (3) Na ocorrência destes dois verbos, um detalhe fica saliente: enquanto o emprego de *yarah III* é mais formal, o verbo *lamad* é mais usado no campo educacional. Por este motivo, esta pesquisa será encaminhada para uma análise do significado do verbo *lamad*.

4. O ensino no Antigo Testamento

A escolha do verbo *lamad* como instrumento básico para se chegar ao conceito do ensino no antigo Israel deve-se a dois motivos. Primeiro, a ocorrência deste verbo é maior e mais antiga no texto do Antigo Testamento. Em segundo lugar, o verbo *lamad* é mais abrangente – *aprender* e *ensinar* – e mais usual e significativo em toda extensão da história bíblica.

O aspecto significativo do emprego deste verbo não está na quantidade de sua ocorrência nos livros do Antigo Testamento, mas no seu duplo sentido: *aprender* e *ensinar*. No antigo Israel, aprender com intensidade possibilita a alguém ensinar. No hebraico bíblico, o aprendizado decorre do ensino e o ensino do aprendizado. É uma dialética que promove o bem-estar e o progresso da vida. Trata-se de um fértil diálogo em que discípulos e mestres, acentuadamente, aprendem para a prática da vida.

Na compreensão moderna da educação, o ato de *aprender* não pode estar paralelo ao ato de *ensinar*. São dois momentos distintos e separados justificados na definição extraída do dicionário: aprender é adquirir conhecimento, por meio do estudo; ensinar é repassar o conhecimento adquirido para alguém.

Há poucos dias, apresentando este mesmo tema para a classe de Escola Dominical, na Igreja Metodista em Vila Mariana, Anivaldo Padilha, um estudioso de Paulo Freire, relatou para o grupo: “Minha sogra é judia e ao ler *Pedagogia do oprimido* fez a seguinte observação: ‘A dialética pedagógica do antigo povo bíblico está presente no pensamento de Paulo Freire’”.

Apesar da imensa distância entre Israel bíblico e o Brasil dos tempos modernos, é preciso estar atento a essas insinuações. Na verdade, não temos informações objetivas sobre o sistema educacional do antigo Israel, porém, se sabe que a sua experiência educacional estava baseada na instrução dos pais, na casa. Do pai e/ou da mãe, um/a jovem poderia aprender tudo o que era útil e necessário para a vida. Na verdade, no antigo Israel não havia sistema organizado de educação como na Suméria

e Babilônia. A ação educativa exercida pelo pai e a mãe era realizada com amor. Certamente, este detalhe contribuiu para que o aprendizado e o ensino fossem próximos e sem traumas.

5. Passos para uma pedagogia libertadora

As contribuições de Paulo Freire para o sistema educacional são notórias e bem-vindas, não somente no Brasil. Quanto à prática do povo bíblico, exposta na definição do verbo *lamad*, pouco, ou nada, foi pesquisado. Cabe a nós fazê-la.

5.1 A dinâmica do aprender e ensinar

É fácil perceber que Paulo Freire, sem conhecer o pensamento do antigo Israel, captou e explicou com muita felicidade a dialética, *aprender e ensinar*, mostrada pelo verbo *lamad*. Na verdade, não temos grandes informações, no Antigo Testamento, sobre a forma com que o povo bíblico realizava o seu processo educacional. Sabe-se que não havia instrução acadêmica, nos primórdios da história israelita. A forma que mais aproximava da instrução acadêmica encontra-se na literatura sapiencial, mas a atuação dos sábios, entre o povo bíblico, é tardia. A literatura sapiencial está bastante influenciada pela filosofia grega, e, com isso, a fértil dialética do *aprender e ensinar* perdeu algo de especial significado.

A crítica que mais caracteriza a tese de Paulo Freire é a concepção “bancária” da educação. Para ele, o mecanismo desta educação é a opressão. Este renomado educador enumera uma série de críticas à educação “bancária”. Para ele, a educação não pode suportar a dicotomia “educador-educandos” que nega toda e qualquer experiência existencial dos “aprendentes”.

Não é difícil encontrar exemplos dessa educação na história bíblica. Porém, é preciso observar a interferência do sistema monárquico em Israel. Apesar das intervenções proféticas, o projeto básico sociorreligioso do povo que penetrou em Canaã, no século 11 antes de Jesus, não se concretizou plenamente.

5.2 Na Bíblia, o ato de aprender e ensinar pertence à esfera religiosa

As críticas de Paulo Freire são dirigidas à educação moderna e profissional. Quanto à educação na Bíblia, ela era praticada, especialmente, no âmbito religioso. O texto do profeta Jeremias pode ser tomado como exemplo: *Não aprendais o caminho das nações, não vos espanteis com os sinais do céu...* (Jr 10.2). Aqui, o profeta refuta a apropriação do conhecimento geral para ser aplicável à vida diária do povo. Isso fica evidente quando abordamos os textos que mencionam o ato de aprender e ensinar. Todos eles estão voltados para a ética. Assim, o alvo maior da educação, para o povo bíblico, é “aprender fazer a justiça” (Is 26.9-10), “temer a Deus” (Is 29.24), “aprender a fazer o bem” (Is 1.17), “caminhar com Deus” (Mq 6.8), entre outros objetivos. Mais tarde, o livro de Deute-

ronômio enfatiza a importância do aprender direcionado, especialmente, para a Torá: *Ouve, ó Israel, os estatutos e as normas que hoje proclamamos aos vossos ouvidos, vós os aprendereis e cuidareis de pô-los em prática* (Dt 5.1). Assim, o Antigo Testamento trata prioritariamente da educação religiosa do povo. O ato de aprender e ensinar está ligado, especialmente, à esfera da fé: *Reúna-me o povo, para que eu os faça ouvir minhas palavras e aprendam a temer-me por todos os dias em que viverem sobre a terra, e as ensinem aos seus filhos* (Dt 4.10).

Conclusão

O suposto paralelismo do verbo hebraico *lamad*, *aprender* e *ensinar*, com o método de Paulo Freire ajuda a encontrar melhores caminhos para a chamada Educação Cristã das instituições religiosas.

1. Duas considerações são necessárias para a conclusão deste estudo: Primeiro, o âmbito religioso é bastante propício à educação libertadora, pois este ambiente é educado para ouvir, meditar e obedecer. Na história de Jesus, os seus discípulos são seus ouvintes. Nesse ambiente, o ensino não se mostra teórico, mas voltado para a prática. A obediência ao ensino de Jesus tem como consequência a prática na vida. É bem verdade que Jesus se apropriou da tradição profética que vê no ato de aprender e ensinar uma harmônica e fértil dialética, constante produtora de bem-estar.

Em segundo lugar, é preciso constatar também que o âmbito religioso tem sido apropriado por amantes do legalismo. Embora Paulo Freire não tenha se dirigido ao ambiente religioso, suas críticas podem atingir esse público. O mundo evangélico e reformado possui uma rica tradição de contestação, porém, hoje, ele dá exemplo de comodismo. Reacende, no meio evangélico, a prática de nomear um templo de cada cidade “catedral”, lugar onde o pontífice ou o bispo dá a cátedra, isto é, ensina. No mundo universitário, cátedra é um cargo ocupado, no ensino superior, por um professor. Igreja catedral ou professor catedrático são expressões que comunicam o lado negativo da educação. Estes termos aprofundam a distância entre o *aprender* e o *ensinar*.

2. Ainda que difícil, é possível captar informações da forma com que o antigo povo bíblico exercia a prática educacional. Não é difícil constatar que a antiga comunidade israelita não possuía um sistema organizado de educação. É nesse ambiente que o historiador bíblico descreve a atuação de Deus junto ao povo, com *sinais* e maravilhas (Êx 7.3,9). Por esta razão, o povo reunido no Monte Horeb deveria aprender a história salvífica, a fim de ensiná-la aos filhos e filhas. Deuteronômio vê esta espécie de aprendizado como essencial para a vida: ... *reúna-me o povo, para que eu vos faça ouvir minhas palavras e aprendam a temer-me por todo tempo em que viverem... e ensinem aos seus filhos* (Dt 4.10).

Esta dialética pedagógica é reforçada com o apelo de Deus para o povo – *aprendam a temer-me... e ensinem aos seus filhos*. A expressão *temor de Javé* expressa um princípio norteador na vida do povo que deve permanecer em sua mente por toda a vida. Trata-se de uma experiência de vida, e não uma doutrina a ser decorada para ser ensinada (conforme Dt 14.23; 17.19; 31.12-13).

3. A dialética *aprender* e *ensinar* tende eliminar o conflito da educação bancária. Certamente, o lugar vivencial do verbo **lamad** é a família, bem no início da história do povo bíblico. Nesse ambiente, o verbo não salienta as gritantes diferenças entre o ato de *aprender* e *ensinar*. Eis alguns detalhes salientes dessa educação em família:

(a) Para a família patriarcal, aprender é uma experiência normal da vida. Os animais têm experiência semelhante (Jr 31.18). Todavia, somente quando se intensifica o aprendizado é que se ganha capacidade para ensinar. O aprendiz esforçado é um mestre em possibilidade, mas o mestre indolente tem sua condição ameaçada. (b) O elo criativo que une o aprendiz do mestre é o amor e o respeito à vida. A razão de ser do mestre é o aluno, e o sentido que norteia o aluno e o mestre é o ideal de servir. (c) O conflito entre alunos e mestres nasce no ambiente do egoísmo. A Bíblia registra este fato por meio de palavras como deslealdade, pecado, injustiça, ausência de amor, infidelidade, entre outras.

4. Por fim, o aparente conflito *aprender-educar* é um desafio ao constante aprendizado. Como disse Paulo Freire, somos constantes “aprendentes”. Esta mentalidade educacional desenvolve em todos nós que vivemos no ensino a ideia que ele chamou de revolucionária de amizade e companheirismo. Vejo isso com muita nitidez esta preocupação dos profetas, inclusive Jesus Cristo.

Com a preocupação de anunciar o Reino de Deus, os profetas proclamaram o Messias. Ao Messias, deram muitos nomes, porém o profeta Isaías do exílio deu-lhe o nome de Servo (para os critérios modernos, “servo” é escravo). Em dado momento do livro, o Messias-servo lamenta:

O Senhor Deus me deu língua de aprendizes, para que eu saiba responder ao cansado. De manhã em manhã desperta meu ouvido para que eu ouça como os aprendizes. O Senhor Deus abriu os meus ouvidos (Is 50.4).

Estas palavras fazem parte do terceiro “cântico do Servo”. Elas vêm da boca de uma pessoa preparada. O termo *limudim* vem do verbo *lamad*. A tradução de João Ferreira de Almeida traduz este termo hebraico por “eruditos”. Almeida vivia no contexto dos que pensavam que a palavra

“professor” era o termo mais digno e adequado para o Messias. Porém, no quarto “cântico do servo”, Almeida não pode mudar nada, pois o Messias é descrito de forma humilhante, fraca, doente.

A tradução interpretativa de Targum reproduz o ambiente greco-romano, da época próxima de Jesus: *Javé-Deus me deu a língua dos que ensinavam, para saber ensinar os justos que languescem pelas palavras de sua lei, a sabedoria. Assim, cada manhã, envia cedo seus profetas no caso de que os ouvidos dos pecadores estejam abertos e que acolham seu ensinamento. Javé me enviou para profetizar.* Para o Targum, estas são palavras do profeta perseguido.

Referências bibliográficas

- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- JENNI, E. “*Imd aprender*”. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. (Ed.). *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, vol. I, Madrid: Cristiandad, 1978, p. 1191-1196.
- KAPELRUD, A. S. “*lamad*” In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H.-J. (Ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. 8, Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997, p. 4-10.
- WAGNER, S. “*yara*”. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H.-J. (Ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. 8, Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990, p. 339-347.